

Pesquisa Acadêmica

HORTAS URBANAS. Como estratégia de redução das desigualdades.

AUTORES

1. EDER DE SOUZA NASCIMENTO

ESTUDANTE DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO METROPOLITANO DE SÃO PAULO
Ederdesouza11@hotmail.com

UANDERSON COSTA SILVA

ESTUDANTE DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO METROPOLITANO DE SÃO PAULO
Uanderson.silva_rh@hotmail.com

ORIENTADOR

ROMEUSOARES
CENTRO UNIVERSITÁRIO METROPOLITANO DE SÃO PAULO
romeu2s62@gmail.com

CENTRO UNIVERSITÁRIO METROPOLITANO DE SÃO PAULO

RESUMO

A sustentabilidade das cidades é um dos temas preocupantes nos dias atuais. Neste trabalho pretende-se avaliar o contributo das hortas urbanas para a sustentabilidade das cidades. Para tal escolheu-se como caso de estudo, o Projeto “Hortas comunitárias” da ONG CIDADES SEM FOME, onde se observou o potencial das hortas urbanas para a coesão social, pela evolução positiva das relações entre a população aderente. Constatou-se a importância do projeto em regiões conhecidas pela vulnerabilidade e pela carência de suas comunidades, visando proporcionar possibilidade da prática agrícola e contato com a natureza, bem como pelos momentos de convívio e satisfação pessoal que esta oferece.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Pública – Geração de renda – Hortas Urbanas

ABSTRACT

The sustainability of cities is one of the issues of concern today. In this work we intend to evaluate the contribution of urban gardens to the sustainability of cities. For this purpose, the "Community gardens" project of the NGO CITIES SEM HUNGER was chosen, where the potential of the urban gardens for social cohesion was observed, due to the positive evolution of the relations between the adherent population. The importance of the project was recognized in regions known for vulnerability and lack of their communities, aiming to provide the possibility of agricultural practice and contact with nature, as well as the moments of personal conviviality and satisfaction that it offers.

KEY-WORDS

Public health - Income generation - Urban gardens

1. INTRODUÇÃO:

O plantio de hortaliças, ervas aromáticas e medicinais vêm ganhando muito espaço nas áreas urbanas brasileiras, seguindo uma realidade mundial. O crescimento desse tipo de cultivo se iniciou como forma de lazer e contato com elementos da natureza, com a terra, passando também pelo cuidado e maior preocupação com a alimentação, minimizando o contato com agrotóxicos, por exemplo. Hoje, o tema das hortas urbanas já é estratégia de segurança alimentar e ganha espaço nas políticas públicas e o apoio de prefeituras e de outras esferas governamentais, sociedade civil e organizações independentes. Sejam em varandas individuais, em hortas coletivas, nas áreas comuns de prédios ou até em praças, os espaços urbanos ganham novos significados e utilidades com as hortas. Muitas organizações não governamentais (ONGs) atuam também em projetos de hortas urbanas, inclusive ensinando a população sobre como plantar e cuidar dos diferentes tipos de alimentos.

A questão de pesquisa é entender como as hortas urbanas podem desenvolver um papel na redução das desigualdades?

2. OBJETIVOS:

Analisar e descrever como as hortas urbanas podem servir de estratégia para redução da desigualdade social.

Específicos;

Descrever as técnicas de processos de cultivos em espaços urbanos inutilizados pelos órgãos públicos e privados nos grandes centros urbanos.

3. METODOLOGIA:

Foi realizada pesquisa em múltiplos cases sobre hortas urbanas, sendo analisado os efeitos que trazem para a sociedade local, Livros relacionados a agricultura urbana, Ong's que já possui projetos no Brasil e blogger que trata sobre o assunto.

4. DESENVOLVIMENTO:

Segundo a ong, cidades sem fome, transforma terrenos públicos e particulares da Zona Leste, periferia da megacidade, em hortas comunitárias. O projeto nesta região, conhecida pela vulnerabilidade e pela carência de suas comunidades, visa melhorar a precária situação dos habitantes através de projetos sustentáveis de agricultura urbana, baseados em processos de produção orgânica.

→ 25 hortas comunitárias foram criadas pela CIDADES SEM FOME.

→ Através deste projeto, 115 pessoas trabalham como agricultores urbanos em hortas comunitárias, o que beneficia não só eles mesmos, mas também suas famílias. Com isso, a subsistência de 650 pessoas está sendo garantida.

→ 48 cursos de capacitação profissional foram organizados pela CIDADES SEM FOME. Quase 1.000 pessoas já participaram e foram capacitadas em técnicas de produção de alimentos orgânicos em áreas urbanas e receberam também instruções para buscar meios para a comercialização de seus produtos.

No projeto realizado pelo instituto pólis uma fundação do Banco do Brasil, cita que a organização do grupo interessado trabalhar com a horta é de extrema importância para o sucesso na produção, sendo necessário levar em consideração o número de pessoas e a disponibilidade de tempo de cada um.

É preciso criar um espírito de colaboração, definindo responsabilidades, de acordo com as aptidões de cada um, seja no preparo do composto e do solo, seja no preparo das mudas(sementeira), como também na disponibilidade de fazer a rega entre outros fatores. O conhecimento que muitas pessoas possuem, pelo saber popular, sobre o ciclo da natureza (chuva, seca, época de plantio etc.) é um aspecto importante que deve ser incorporado no momento de planejar a horta e na realização do plantio.

4.1 Embasamento Teórico

A AU difere e muito da AR. Além da localização, os motivos econômicos, os tipos de produtos, o uso e distribuição das colheitas, os atores envolvidos, as tecnologias usadas a diferença relevante nessa análise diz respeito às características dos agricultores.

Para Veenhuizen (2003), à Agricultura Urbana acontece dentro das cidades ou em suas periferias, nos quintais das casas, podendo também ser praticada distante das suas residências, pode incluir atividades produtivas, de processamento, distribuição e vendas. As mulheres agricultoras urbanas são em maior número, pertencem aos grupos de menor renda, procurando reforçar a renda familiar.

A população que se dedica a Agricultura Urbana segundo Veenhuizen, Prain e Zeeuw (2001) é muito heterogênea, uma parte é composta por antigos agricultores rurais (o conhecimento técnico-rural pouco contribui no ambiente urbano), outros dedicam-se por necessidade (pobres), ou por escolha pois vêm na Agricultura Urbana meio para obter uma boa renda e uma oportunidade de investimento. Ao estabelecer uma relação entre o agricultor rural e o urbano, para o primeiro a agricultura é sua única ocupação e para o agricultor urbano é apenas uma entre várias estratégias de sobrevivência.

O agricultor urbano e o rural sofrem com a insegurança com relação a posse da terra e o agricultor urbano ainda sente a imposição da limitação do espaço. Em contrapartida, o agricultor urbano encontra-se próximo do mercado consumidor e tem acesso a recursos (lixo, água residuais) nem sempre disponíveis aos agricultores rurais. Outra diferença é a complexa rede de relações existentes e o maior número de atores agindo nos vários e diferentes níveis dos assentamentos urbanos.

Conforme Fall e Zeeuw (2001), os agricultores rurais em sua grande maioria se conhecem desde pequenos, trocam experiências e informações sobre tecnologias e os agricultores urbanos vivem em comunidades onde muitos deles estão envolvidos em outras atividades econômicas, podendo desconhecer os demais agricultores. Podem vir de origens sócio-culturais diferentes, dificultando o diálogo e a cooperação. As famílias de agricultores urbanos associam a produção agrícola a outras fontes de renda, possuem maior clareza do mercado urbano e da demanda de alimentos da cidade do que seus colegas rurais.

Para Foladori (2001), a partir do momento que o ser humano objetiva a natureza como seu espaço de trabalho, impõem a ela transformações radicais a seu ambiente. A principal transformação, sobre a qual estão baseadas as demais, é a que impôs a sua própria espécie, ao

estabelecer relações sobre base imediata e, com isso, gerar relações sociais. Essas relações sociais são

Diferentes segundo o tipo de propriedade e uso dos meios de produção. Cada momento está marcado por determinadas relações sociais. Por esse motivo o direito a alimentação é uma preocupação antiga. Assim busca-se assegurar o direito a alimentação através de inúmeros projetos e programas que visem em todos os momentos Segurança Alimentar Nutricional.

De acordo com Menegat e Almeida (2004) as possibilidades de sobrevivência solidária e sustentável da espécie humana não se encontram mais em equações maltusianas nas que apenas equilibram população de um lado e quantidade de alimentos disponíveis no outro. Nem em molduras de estados totalitários que procuravam determinar severos deveres para os cidadãos, sem que esses pudessem entender o mundo. Talvez seja possível organizar a sociedade por meio de um projeto de emancipação humanista e sustentável, que considere a humanidade como parte da natureza.

4.2 Apresentação do caso/caracterização

O principal trabalho do projeto é realizado por Hans Dieter Temp e Cities without Hunger, uma ONG fundada em 2003. As primeiras hortas foram estabelecidas em 2004, seguidas pela primeira parceria para o financiamento do programa de hortas comunitárias. Desde 2010, foram criadas 21 hortas e 665 beneficiários da comunidade. Embora esse período de planejamento geral seja relativamente fácil de ser seguido, as etapas e prazos em hortas comunitárias individuais diferem umas das outras. Esta seção resume um padrão para criar uma horta comunitária em geral.

Os principais passos do projeto são principalmente procurar por sites abandonados e descobrir quem é o proprietário deles. Posteriormente, o projeto entra em contato com o proprietário para organizar o uso do local como um jardim e coleta amostras do solo. A maioria das pessoas ou empresas concorda com o projeto, porque assegura o valor da propriedade limpando o local e dissuadindo os colonos informais.

O ciclo começa com a vedação, a limpeza e a restauração de sites. O lixo orgânico é separado de outros resíduos, pedaços de madeira, casca de árvore e folhas. Cascas de batata e outros resíduos orgânicos são comportados em fertilizantes. Para registrar a receita o mais rápido possível, as primeiras culturas a serem cultivadas têm um tempo de cultivo curto, por exemplo, ervas da cozinha e alface. Essas culturas precisam de 35 a 40 dias para poderem ser vendidas.

A próxima fase é verificar se outras culturas podem ser cultivadas. Hábitos alimentares regionais desempenham um papel importante nesta decisão.

O último passo inclui a diversificação do cultivo e a introdução de produtos alimentares ricos em nutrientes.

'Cidades sem fome' fornece às comunidades recursos para treinamento profissional e geração de renda através de produtos de marketing obtidos através de projetos dos participantes. Os proprietários de sites oficiais mantêm seu direito de usar a terra para seus próprios planos.

Todo o ciclo é acompanhado por reuniões da comunidade para informar e envolver os membros da vizinhança sobre / com os jardins. 'Cidades sem Fome' convida a comunidade a formar um comitê composto por representantes de instituições públicas, organizações locais, ONGs que operam na área e representantes de beneficiários. Este comitê tem a tarefa de selecionar famílias para participar de atividades agrícolas e coordenar o planejamento participativo para implementar planos de trabalho desenvolvidos por agricultores urbanos. As atividades do comitê se dividem em dois tópicos: trabalho formal (reuniões e palestras) e trabalho de informação (reuniões e treinamento). O projeto visa promover a gestão participativa adicionalmente através da conscientização dos participantes do projeto, incentivando, fortalecendo sua capacidade de intervir em questões sistemáticas da comunidade e valorizando suas contribuições na solução de problemas locais. A participação em salas de bate-papo, a tomada de decisões na comunidade e a negociação com autoridades locais oferecem oportunidades para que os membros da comunidade participem da formação dos princípios e ações que aumentam a inclusão social e promovem a governança participativa.

Em todas as medidas de iniciativa, o Cidades sem Fome usa um método participativo de educador comunitário. Os treins da ONG envolviam membros da comunidade em habilidades técnicas (ou 'duras'), bem como habilidades de liderança 'leves'. Eles são responsáveis pelo treinamento dos membros da comunidade recém-envolvidos. Desta forma, a ONG mantém os custos de pessoal de baixo, e constrói maior capacidade e resiliência das comunidades em que atua.

4.3 Resultados

ONG Cidades Sem Fome faz a gestão de 27 hortas urbanas, que empregam 153 famílias no cultivo de alimentos sem agrotóxicos, que são vendidos e consumidos na própria região, diretamente do produtor para o consumidor, sem a participação de um intermediário, que desvalorizaria o trabalho do agricultor e poluiria o meio-ambiente no transporte.

Todas as hortas do programa Cidades Sem Fome são feitas em terrenos públicos ou particulares, muitos deles pertencentes às concessionárias de energia, mediante a contratos, de modo que o proprietário também se beneficia ao dar destinação a um espaço anteriormente abandonado.

A ONG conta com patrocinadores, que investem na criação de cada horta até que ela fique de pé. Os agricultores consomem 3% da produção e vendem os 97% dos alimentos nas feiras e restaurantes da região.

No bairro da Casa Verde, na Zona Norte, a dinâmica da geração de renda por meio da agricultura urbana e familiar acontece por iniciativas, como a Hora da Horta. O cultivo de hortaliças, ervas medicinais, flores e árvores frutíferas é realizado em um terreno de 1.200 m² da AES Eletropaulo e a venda também é feita diretamente ao consumidor da região, com o mesmo preço encontrado nas feiras convencionais, mas sem embalagens excessivas que se transformam em resíduos.

O projeto nasceu há três anos graças aos esforços da pesquisadora de administração pública Lya Porto, que fez seu doutorado em agricultura urbana, e de Rita Freitas Cavaliere, que trabalhava com paisagismo, mas ficou desempregada.

De acordo com a pesquisadora, o trabalho proporciona diversos benefícios, que vão desde a interação entre os cidadãos até a educação alimentar e ambiental, passando pela reivindicação de políticas públicas pela comunidade.

Percebemos que a falta de políticas, os próprios agricultores têm se reunido e dialogado sobre a formação de uma união de hortas urbanas na região. A Prefeitura de São Paulo poderia ajudar com insumos, com a facilitação na emissão de documentos que certifiquem os produtos como orgânicos, o acesso às feiras e à assistência técnica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS;

Com a pesquisa realizada, foi possível perceber o quão benéfico é implementar um projeto de horta urbana comunitária sobre os mais diversos aspectos, especialmente no que diz respeito ao meio ambiente, sociedade, economia e políticas públicas. Os benefícios ambientais encontrados para as hortas comunitárias estão diretamente relacionados aos benefícios advindos do aumento de áreas verdes e permeáveis na cidade, que podem amenizar efeitos da urbanização intensa como as ilhas de calor, pela absorção de radiação solar e realização da evapotranspiração (aumentando a umidade do ar) e podem contribuir para minimizar os alagamentos em espaços urbanos, quando dotadas de área permeável significativa, bem como para o aumento da biodiversidade. Além disso, seguindo os princípios da agricultura orgânica, as hortas podem contribuir para a preservação do solo e dos recursos hídricos. O objeto de pesquisa deste estudo surge objetivando, especialmente, a geração de trabalho e renda, a melhoria do padrão alimentar das famílias envolvidas na atividade, fazendo com que as comunidades que tenha próximo de sua região utilize os terrenos de forma sustentável, fazendo com que eles gerem renda com a comercialização dos produtos produzidos nas hortas, socialização, alimentação de qualidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALL, S. T.; ZEEUW, H. Desenvolvimento tecnológico participativo: Métodos adequados para o desenvolvimento de tecnologias. In: Revista de Agricultura

FOLADORI, Guilherme. Limites do desenvolvimento sustentável. Tradução de Marise Manoel. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

MENEGAT, R.; ALMEIDA, G. Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental nas cidades: estratégias a partir de Porto Alegre. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VEENHUIZEN, R. V.; PRAIN, G.; ZEEUW, H. Pesquisa, planejamento, implementação e avaliação em Agricultura Urbana. In: Revista de Agricultura

SCHWARTZMAN, Simon. As causas da pobreza. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

Disponível em: <<https://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/>>. Acesso em 04/09/2018.

Disponível em: <<https://www.rgnutri.com.br/2017/08/18/as-hortas-urbanas/>>. Acesso em 04/09/2018.

Disponível em: <<http://conseaminas.blogspot.com/>>. Acesso em 06/09/2018.

Disponível em: <http://ipes.org/au/pdfs/ra-up5/1_AU5Edit.pdf>. Acesso em 06/09/2018

